

Biblioteca Central da UFPB: centro de memória e práticas culturais

Ma. Gilvanedja Ferreira Mendes da Silva

gilvanedja@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7746550607559561>

Especialista Marcílio Herculano da Costa

mharquivista@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9802098678229437>

Everton Fernandes de Lima

evertonfernandeslima789@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7784009184166650>

Especialista Rosane Coutinho Pereira Lacet

roscopeila.medieval@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1605430208739260>

Submetido: 03 abr. 2020

Publicado: 15 maio 2020

Resumo

Pensar em biblioteca pública nos dias atuais é pensar em um universo de múltiplos espaços, que vai além da guarda, disponibilização e acesso à informação. Pois não é possível dissociar a biblioteca pública, em especial a universitária como um espaço de memória e também como um equipamento cultural. Nesse sentido, as bibliotecas públicas universitárias devem se apresentar como sendo um espaço da comunidade acadêmica, e também da comunidade em seu entorno, interagindo com os acontecimentos locais, onde as pessoas devem se sentir convidadas a entrar e participar; estimuladas a expressarem o que percebem e sentem, participando ativamente como criadoras que se apropriam do espaço. A Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, objeto deste estudo, é um organismo em constante crescimento, suas ações são parte de uma memória que caracterizam a instituição, registrada em documentos que remontam sua trajetória como também permeiam a memória individual e coletiva de milhares de usuários que passaram por ela no decorrer das últimas décadas. O presente trabalho objetiva apresentar, discutir e refletir teoricamente sobre o curso histórico das práticas culturais da Biblioteca Central (BC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) enquanto biblioteca pública universitária vista sob a perspectiva de equipamento cultural para além da premissa basilar de apoio ao Ensino, a Pesquisa e a Extensão universitárias. A proposta deste estudo é reconstruir fragmentos da história das ações culturais promovidas pela Biblioteca Central da UFPB, em um recorte temporal de 1981 a 2019, evocando assim, as ações culturais que foram desenvolvidas, através de relatos de servidores, narrativas orais que emergem de suas memórias. A metodologia adotada para a construção desta pesquisa se dará em duas fases, caracterizadas, na devida ordem, exploratória, descritiva e qualitativa. É também, caracterizada como bibliográfica e pesquisa de campo, em consonância com as fontes de dados da pesquisa. Quanto ao método, recorreremos à pesquisa documental, relatos orais, metodologias relevantes para reunirem-se os conhecimentos produzidos. Para efetivar os objetivos propostos pela pesquisa, a mesma será iniciada através de um apanhado bibliográfico, pautado na busca de subsídios teóricos para assimilar e interpretar conceitos de memória,

ações culturais, memória institucional, entre outros. Nesta pesquisa, percebemos que não é possível pensar a biblioteca hoje sem que se considere a liberdade de acesso à informação como um direito humano para o exercício do pensamento criador. É preciso entender que há um círculo perpétuo, ou seja, a informação produzida é organizada e colocada à disposição de um determinado público que acessa os dados, combinando-os, faz análise e crítica, gerando um novo produto informativo que, por sua vez, deve ser integrado em um serviço que permita o acesso do público.

Palavras-chave: Biblioteca Central da UFPB. Memória. Práticas culturais.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Martins (2002), no decorrer de sua existência material e espiritual, o homem sentiu a necessidade da criação de um ambiente que permitisse armazenar, organizar, controlar e recuperar as informações, impedindo assim sua dispersão.

Entende-se que já não é mais possível conceber a biblioteca pública universitária apenas como uma instituição que guarda, disponibiliza e dá acesso à informação para o ensino, a pesquisa e a extensão sem compreendê-la também como equipamento cultural.

Estando entrelaçada de mudanças advindas dos mais diversos processos sociais que perpassam pelas mais diversas transformações, as bibliotecas universitárias sofrem mudanças constantes, alterando periodicamente sua forma de criar e manter práticas de ações culturais, as tecnologias contemporâneas são um marco importante para a criação, e compartilhamento da informação cultural em bibliotecas e demais centros de documentação e um exemplo de processo externo e interno que altera o cotidiano das bibliotecas.

O presente trabalho objetiva apresentar, discutir e refletir teoricamente sobre o curso histórico, de 1981 ao início dos anos 2000, das práticas culturais da Biblioteca Central (BC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) enquanto biblioteca pública universitária vista sob a perspectiva de equipamento cultural para além da premissa basilar de apoio ao Ensino, a Pesquisa e a Extensão universitárias.

2 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: lugares de memória e práticas culturais

As bibliotecas são comumente reconhecidas por serem espaços de conhecimentos, de guarda e preservação da memória produzida e acumulada ao longo do tempo. Memória esta, discutida há muito tempo por Aristóteles, Durkheim, Pierre Nora entre outros contemporâneos, e aqui entendida como caminhos e olhares diversos que norteiam o tema, como bem realça Oliveira (2014, p. 256),

falar de memória suscita um turbilhão de caminhos para serem trilhados, não apenas com relação aos conceitos e como eles foram estabelecidos pelos autores, mas pelas inúmeras possibilidades de discussão do ponto de vista de uma identidade social coletiva.

A memória seja esta individual, social ou coletiva busca evocar e invocar lembranças e traços do passado, vestígios que podem ser revividos por pessoas que presenciaram momentos e fatos, contudo, os registros do passado também podem ser guardados em suportes que possibilitam o acesso a esses registros.

Halbwachs em seu livro "A memória coletiva" (2006) afirma que memória coletiva pode ser caracterizada como um fato vivido por mais de um indivíduo, onde cada um possui lembranças únicas e exclusivas de um determinado evento, contudo, todos podem compartilhar de suas lembranças que formam a memória e isto cria uma recordação coletiva de um ato, isto é, "nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós" (HALBWACHS, 2006, p. 30).

As experiências vividas por pessoas são formas de evocar memórias. Os relatos orais transportam pessoas para lugares muitas vezes inacessíveis no presente, são experiências evocadas e compartilhadas com o objetivo de preservação da memória, seja ela pessoal ou institucional.

Thiesen (2013, p. 228) afirma que:

É através da memória que as instituições reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas as informações que interessam a seu funcionamento. Há um processo seletivo que se desenvolve segundo regras instituídas e que variam de instituição para instituição. Tendo em vista que as instituições funcionam como rede em campo social, o limite de uma instituição é outra instituição. E as informações relevantes para a recuperação da memória institucional devem ser por isso buscadas não apenas nos materiais e fontes internas, mas fora dos muros institucionais. A memória institucional está em permanente elaboração, pois é função do tempo.

A biblioteca entendida como centro de memória é o lugar que carrega consigo a memória coletiva e institucional capaz de provocar diversas experiências sensoriais que são capazes de transportar os usuários para os mais diversos lugares, tempos, costumes por meio de um conjunto de ações que são registradas nos suportes informacionais e que ao transcorrer do tempo possibilita que o homem relembre voluntariamente ou através de gatilhos situações que lhes representa certa importância, por isso a importância de conservar e preservar.

Nora (1993) diz que é necessário criar e conservar arquivos assim como comemorar aniversários, preservar monumentos, santuários e demais lugares onde se ancora e se exprime a memória coletiva, memória essa que é evocada através de acervos, pessoas e coletivos.

A biblioteca além de uma grande produtora e disseminadora de memórias coletivas também é o centro de práticas culturais, isso porque suas características lhe possibilitam que ela adentre em um campo ainda mais específico da memória que é a memória institucional, aqui entendida como algo indissociável a vivência e avanços das instituições.

A criação da Biblioteca de Alexandria pode ser considerada um exemplo de biblioteca concebida para ser um centro cultural. Segundo Battles (2003), exemplo de grande influência exercida na cultura antiga, foi fundada durante o reinado de Ptolomeu Sóter, no século III a.C., para ser o espaço capaz de concentrar em si toda a sabedoria acumulada pelo mundo grego e reunir, em um mesmo lugar, todos os livros da terra, ação que produziu efeitos intelectuais, influenciou os modos da escrita, da

leitura e a forma de gerir a memória da humanidade. "Aliada a um museu e a uma academia, em termos atuais, essa biblioteca seria uma combinação de centro de pesquisa, editora, instituto de estudos linguísticos, museu e repositório cultural, funções essas que muitas bibliotecas de hoje ainda estão por alcançar" (BRAGA, 2004, p. 25).

Já no Ocidente, constata-se que, da Antiguidade até a Idade Média, "dentre as finalidades das bibliotecas, não constava a difusão dos saberes para uma coletividade mais ampla" (BRAGA, 2004, p. 24), ou seja, as bibliotecas não eram concebidas para atender às necessidades do leitor, este era quase inexistente, pois os progressos instrucionais eram lentos, mesmo entre as classes privilegiadas.

Martins (2002) reforça essa afirmativa quando diz que do ponto de vista intelectual, a humanidade se dividiu, por séculos e séculos, entre iniciados à palavra e os não iniciados, sendo compreensível que a presença de leitores circulando por espaços de leitura não fosse uma prática comum.

É com a invenção da imprensa, entre 1450 e 1455, por Gutenberg (1398-1468), que se considera ser o momento decisivo para um afastamento do "culto aos mortos", ao que era sagrado e que, por isso, merecia ser guardado e escondido, para celebrar a vida que, marcadamente, em relação às bibliotecas, se caracterizava pela laicização, democratização, especialização e socialização.

Segundo Braga (2004), é nesse contexto que várias transformações são verificadas, por exemplo, os avanços na ciência e tecnologia, certa diminuição do analfabetismo, a criação de universidades e, conseqüentemente, a necessidade de atendimento aos estudos acadêmicos, os quais dentre outros fenômenos, contribuíram para uma revolução nas funções da biblioteca, que se torna, progressivamente, um **centro de divulgação do saber** (grifo nosso).

A biblioteca passa a gozar, [...] do estatuto de instituição leiga e civil, pública e aberta, tendo o seu fim em si mesma e respondendo a necessidades inteiramente novas [...] foi o livro, ou seja, a biblioteca, um dos instrumentos mais poderosos da abolição do 'antigo regime' (MARTINS, 2002, p. 323-324).

A uma democratização do espaço, correspondia o preparo do ambiente para atender as especificidades próprias das necessidades sociais e das relações que os leitores, agora provenientes de classes diversificadas, passavam a ter com a leitura e a escrita. Desse modo, a biblioteca:

Não apenas abriu largamente as portas, mas ainda sai à procura de leitores; não apenas quer servir ao indivíduo isolado, proporcionando-lhe a leitura, o instrumento, a informação de que necessita, mas ainda deseja satisfazer às necessidades do grupo, assumindo voluntariamente o papel de um órgão sobrecarregado, dinâmico e multiforme da coletividade (MARTINS, 2002, p. 325).

O autor afirma que ao desempenhar esse papel, a biblioteca também amplia o sentido da palavra "pública", que passa a não se aplicar só à biblioteca administrada por órgãos governamentais ou por entidades particulares, mas passa a ter uma noção de prestação de serviço público, entendido como "tudo o que deve comportar de flexibilidade e de adaptação a necessidades variadas" (CAIN, 1939 *apud* MARTINS, 2002, p. 326).

Contudo, de acordo com Milanesi (1997), a política cultural estabelecida no Brasil a partir da década de 40 colocou as bibliotecas públicas dentro de uma categoria à parte, sem relações orgânicas com o tecido cultural. No âmbito das universidades, as bibliotecas foram se estabelecendo com serviços quase que exclusivamente voltados ao ensino e a pesquisa, deixando de desempenhar um papel próprio no campo das atividades culturais.

Alguns autores como Cardoso & Nogueira (1994) e Nascimento (2004) sustentam que com a evolução tecnológica e desenvolvimento das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) foram criados novos mecanismos de acesso, seleção, organização e difusão das informações e, ao mesmo tempo, foram desenvolvidos outros modos de registrar e acessar a informação, relacionados ao aparecimento de novos suportes e mídias para registro. Ganha força nesse momento, a ideia contemporânea de biblioteca: a de um centro cultural.

Sobre a biblioteca pós-moderna, Teixeira Coelho (1997) afirma: "se a biblioteca moderna e pré-moderna era o lugar da coleção, a biblioteca pós-moderna se apresenta (ou quer ser) como o lugar da informação, da discussão e da criação, rompendo vastamente com seus modelos passados" (COELHO, 1997, p. 78).

Os centros culturais surgem como um modelo alternativo, que vem sendo desenhado e experimentado em diversos lugares do mundo. Abrigam, ao mesmo tempo, a identidade individual e a coletiva, por isso a sua democratização é fundamental como instrumentos que possibilitam ao homem o contato com a produção cultural para fruir e produzir.

Ao tratar do tema, Jacob (2008, p. 53) traz uma definição ampla de biblioteca quando afirma que:

Lugar de memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira.

Nuñez (2002, p. 242) amplia a missão da biblioteca, defendendo-a como:

um centro cultural, um lugar de encontro onde cabem todos os cidadãos, independentemente de sua idade, formação, sexo, classe social ou profissional. A biblioteca é para todos e, por isso, deve dar respostas às necessidades informativas, de entretenimento, etc., que solicitem. Essas necessidades devem formular-se tanto no continente (edifício) como no conteúdo (fundo documental de diferente suporte).

Para Nuñez (2002, p.243-244):

É muito importante saber que biblioteca queremos, que biblioteca consideramos a mais idônea para nossos usuários, qual vai ser o funcionamento da mesma e de cada uma de suas seções. Isso requer conhecer a fundo a cidade e o tipo de biblioteca que vamos planificar e outras características, como tipo de usuários tanto reais como potenciais, para adaptar a biblioteca a essas características.

Campos (1995) afirma que as bibliotecas entendidas como centros culturais, são núcleos de uma expressão cultural viva, criados para propiciar e desenvolver uma dinâmica cultural, com o objetivo de favorecer uma ação cultural na qual importa a criação, e não apenas o consumo, de cultura.

Para Milanesi (1997), o que caracteriza esses espaços é a reunião de produtos culturais, sejam de que natureza forem, a possibilidade de discuti-los e a prática de criar novos produtos. São, portanto, espaços para conhecer, discutir e criar. "Quem entra num centro cultural deve viver experiências significativas e rever a si próprio e suas relações com os demais" (MILANESI, 1997, p. 28).

Quando se pensa nas bibliotecas que vêm atuando como centros culturais espalhadas pelo mundo, é possível observar uma tendência para o acúmulo de funções; o uso da tecnologia de forma a propiciar a criação de ambientes interativos e a espetacularização da cultura e da arte, visto que a cultura necessita de um espaço para si, pois é aquela que nasce da inquietação, do conhecimento, da reflexão compartilhada. Como coloca Milanesi, "os centros culturais são espaços para cultivar a capacidade de romper e criar" (MILANESI, 1997, p. 145).

Nesse sentido, as bibliotecas públicas universitárias enquanto centros de memória e práticas culturais, atentas às mudanças sociais, necessidades coletivas e formulações culturais características do mundo contemporâneo, precisam criar condições para o surgimento de uma cultura viva. Ou seja, como diz Coelho (1997), precisam propiciar uma cultura que se faz pela experiência, construída pelos próprios sujeitos, em interação com outros sujeitos, com a obra de arte, com a informação; inseridos em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico que implica em consciência, entrega, disciplina e comprometimento.

2.1 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS E SUAS PRÁTICAS CULTURAIS

As bibliotecas universitárias vistas como espaços de cultura, segundo Cenni (1991), devem proporcionar algo que vá além dos modelos escolares, das propostas eruditas e das práticas desinteressadas do lazer. Pois, "a função do centro cultural é procurar reativar as diferenças, diversificar o pensamento e mostrar que há outras formas de se olhar para o mundo além dos discursos oficializados pela escola, pela instituição e pela mídia" (CENNI, 1991, p. 199).

Nesse sentido, as bibliotecas públicas universitárias devem se apresentar como sendo um espaço da comunidade acadêmica, mas também da comunidade em seu entorno, interagindo com os acontecimentos locais, onde as pessoas devem se sentir convidadas a entrar e participar; estimuladas a expressarem o que percebem e sentem, participando ativamente como criadoras que se apropriam do espaço.

Para Milanesi (1997), a biblioteca enquanto centro de práticas culturais deve estar conectada à cidade, deve estar atenta e responder às demandas e anseios dos cidadãos, deve propiciar o encontro entre as pessoas e a cidade, deve possibilitar o entendimento dos acontecimentos contemporâneos e deve prestar serviços à população (fornecer informações e dados, esclarecer dúvidas, facilitar o acesso), afinal, além do apoio ao ensino e a pesquisa, é premissa basilar a sua atuação na extensão.

Corroborando com o entendimento de Ramos (2006), as bibliotecas universitárias entendidas como centros culturais, devem atuar como espaços de encontro, experimentação e reflexão para além da função de equipamentos disseminadores de informação. Isso acontece quando divulga suas atividades entre os usuários; quando promove seminários e debates; quando possibilita o acesso à

internet e disponibiliza para seu público equipamentos multimídia; quando promove lançamento de livros, sessões de cinema, etc. Enfim, ao mesmo tempo em que realiza a ação cultural, a biblioteca universitária realiza a ação informacional.

Silva (1995, p. 46) caracteriza o centro cultural como um organismo de informação, pois seria um local onde as pessoas encontram as informações úteis no dia a dia. Para ela, o centro cultural:

Visa reunir bens culturais e colocá-los à disposição do público. [...] Entretanto, ele quer mais, quer ser um espaço de criação de novos bens. Isto garante a sua funcionalidade. Ao reunir os bens culturais pode se promover também a sua reinterpretação. O conhecimento adquire um caráter dinâmico. [...] Tudo passa a ser informação.

Para Teixeira Coelho (1986) e também Milanesi (1997), as bibliotecas públicas e aqui está incluída a pública universitária, enquanto centros de práticas culturais devem realizar ações que integrem três campos comuns ao trabalho cultural: criação, circulação e preservação.

Para o primeiro campo, devem-se incorporar ações que visam estimular a produção de bens culturais. Devem-se promover oficinas, cursos e laboratórios; deve-se investir na formação artística e na educação estética de modo a possibilitar o contato sensível com o mundo, a ampliação das percepções e o aprendizado das diferentes formas de expressão artística.

Outra responsabilidade que os centros culturais têm é com a distribuição dos bens culturais e a circulação de informação. Uma vez produzido o bem cultural, este deve ser tornado público através de ações que possibilitem a participação da sociedade. A circulação do bem cultural e da informação, de acordo com Milanesi (1997), cria novas demandas culturais e informacionais, e esta é uma condição básica do trabalho cultural. Milanesi (1997) entende que os três verbos fundamentais a serem conjugados em uma biblioteca enquanto centro de cultura são: informar, discutir e criar.

Informar seria o primeiro verbo conjugado num centro de cultura. A informação deve estar organizada e acessível. O centro deve disponibilizar a mais variada coleção de registros do conhecimento humano, apresentados em livros, jornais, revistas, fotos, discos, filmes e tantos outros tipos de suporte quanto a tecnologia permitir. As informações devem ser organizadas com os recursos da informática, que ficam mais baratos a cada dia e que permitem o acesso via computador e internet (RAMOS, 2006, p. 103).

Ainda segundo a mesma autora, outro verbo importante a ser conjugado em uma biblioteca enquanto centro cultural é: discutir. A biblioteca universitária, mais do que nunca, deve abandonar a postura passiva das antigas bibliotecas que organizavam as informações para atender a uma demanda e passar a oferecer a oportunidade de reflexão e crítica. Devem ser organizados seminários e ciclos de debates para que a ação de discutir potencialize a informação e, desta forma, se torne peça fundamental da ação cultural.

Por fim, o terceiro verbo, criar, é aquele que dá sentido aos demais. É, segundo Ramos (2006) o objetivo primeiro de um centro cultural, que deve ser gerador de estímulos, de novos discursos, de novas propostas. Assim, junto ao acervo e às

atividades de discussão, deverão estar disponíveis salas para oficinas, laboratórios, experiências criativas, onde os frequentadores possam investigar, propor, expressar-se.

A invenção, segundo Milanesi (1997), só é possível mediante um trabalho de organização de estímulos e eliminação de obstáculos à liberdade de expressão. As bibliotecas universitárias devem buscar ser centros culturais, "indo contra os preceitos que pedem aos homens que não inventem, que não usem, que não saiam da rotina, devem centrar na invenção de discursos o seu objetivo. Ou há criatividade ou não existe ação cultural" (MILANESI, 1997, p. 181). Assim se dá, nestes espaços, o ciclo da ação cultural:

O público tem acesso às informações, as elabora e discute para, finalmente, criar seu próprio discurso, expressá-lo por meio de diversas linguagens expressivas e, sempre que possível, registrá-lo para possibilitar a uma ação cultural contínua e permanente (RAMOS, 2006, p. 104).

Para Milanesi (1997), no que diz respeito à informação, a preocupação básica de uma biblioteca pública, seja ela municipal, escolar, universitária, deve ser com a gerência da informação para uma determinada coletividade e não com a gerência de um acervo. O acervo é posto a serviço da coletividade, mas a ação que objetiva informar vai muito além dos limites de uma coleção. O autor afirma que a base de toda atividade cultural é a disponibilidade de informações.

Cenni (1991) propõe que os centros culturais funcionem como um espaço de "congestões" culturais, ajudando as pessoas a digerirem os milhares de produtos culturais e informações transmitidas pelos meios de comunicação de massa. A principal função destes espaços, nesta perspectiva, seria a de auxiliar as pessoas a processarem os símbolos presentes em sua cultura, capacitando-se para dialogar com estes símbolos e, inclusive, tornarem-se produtores de novos símbolos, novas significações e novas atitudes.

As bibliotecas universitárias ao atuarem como centros culturais "poderiam funcionar como um espaço de leitura crítica, apropriação, conciliação e intervenção na contemporaneidade, propondo uma relação de diálogo com a cidade, a comunidade, as pessoas, o seu entorno" (CENNI, 1991, p. 206).

Segundo Ramos (2006), originando-se nas bibliotecas tradicionais, os centros de cultura têm a função primordial de garantir o direito à informação, de permitir a liberdade de chegar ao conhecimento, discuti-lo e produzir novo conhecimento. A informação é a matéria-prima da cultura dos homens contemporâneos. É forma e fundo, é linha e tecido, é também o divisor de águas.

Assim, cabe às bibliotecas públicas, aqui estão incluídas as universitárias, enquanto espaços de invenção e criatividade, fornecer aos seus usuários a matéria-prima para transformar a realidade em que vivem e, desta forma, possibilitar que cada um, junto com todos, possa apropriar-se de sua cultura.

A matéria-prima, no mundo contemporâneo, é a informação produzida, transmitida, preservada. Essas instituições, nos moldes dos centros de cultura, caracterizam-se, então, como legítimos centros de informação.

2.2 A BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB: evocando memórias

A Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, objeto deste estudo, é um organismo em constante crescimento, suas ações são parte de uma memória que caracterizam a instituição, registrada em documentos que remontam sua trajetória como também permeiam a memória individual e coletiva de milhares de usuários que passaram por ela no decorrer das últimas décadas.

Apresentar seus aspectos históricos, o processo de sua criação, torna-se necessário. Cotidianamente, investindo em atividades que visam levar a seus usuários as mais diversas práticas, em seus 52 anos de funcionamento tem promovido diversos eventos e ações culturais como apresentações de grupos artísticos e culturais, exposições, lançamentos de livros, palestras, entre outros, que foram sediados nos espaços do atual prédio, inaugurado em 1976.

A proposta de regulamentação da BC foi elaborada, em 1961, pelo bibliotecário e professor universitário Edson Nery da Fonseca, autor do projeto "Teoria da Biblioteca Central". No entanto, a implantação do órgão só foi devidamente efetivada no dia 11 de agosto de 1967, tendo como sede provisória uma sala do Instituto de Matemática recém-transferido do centro de João Pessoa para a Cidade Universitária, localizada nas imediações do Conjunto Residencial Castelo Branco, no mesmo prédio onde atualmente funciona a Central de Aulas. O acervo inicial contava com aproximadamente 15 mil livros adquiridos por meio de doações (BIBLIOTECA CENTRAL, 2018).

Com a criação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB no ano de 1955 por meio da Lei Estadual 1.366, de 2 de dezembro de 1955, havia a necessidade da criação de uma biblioteca que pudesse dar suporte informacional aos programas de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal da Paraíba.

Cinco anos depois da criação da UFPB, foi regulamentada através do regimento desta instituição a criação da Biblioteca Central. No ano de 1967, o professor Afonso Pereira da Silva foi designado para coordenar a Biblioteca. A sua estruturação veio através do projeto e proposta intitulada "Teoria da Biblioteca Central" do professor universitário e bibliotecário Edson Nery da Fonseca.

Em 1969 acontece a incorporação da Biblioteca Central ao Estatuto da UFPB de 1969, como órgão suplementar, sediado no campus I da UFPB nas imediações do Conjunto Residencial Castelo Branco, com a missão de dar suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão, por meio do Decreto nº 65.464, de 21 de outubro de 1969, Art. 5º, alínea "a".

Nas palavras do seu mentor e primeiro diretor, Afonso Pereira, o longo percurso até a instalação atual da BC a história pode ser "comparada à saga de Moisés do Egito para a Terra Prometida". Passando por diversos lugares provisórios dentro da instituição, a exemplo de uma das salas onde funciona a Central de Aulas, alocada também na Biblioteca Escola de Engenharia, entre outras unidades, até ser instalada em 1981 por definitivo no prédio atual (COSTA FILHO, 2019).

As diversas etapas da trajetória da Biblioteca Central representam o amadurecimento da Instituição, não apenas do ponto de vista estrutural mas também da compreensão da função da biblioteca universitária, que guarda em seu acervo importantes produções intelectuais e científicas que exercem a função de sustentar o tripé do ensino, pesquisa e extensão e, atrelada a essa função, estão as ações culturais

desenvolvidas com intuito de aproximar ainda mais os usuários internos e externos à Universidade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O elo de cumplicidade entre arquivo e memória é algo indissociável. Reveste-se de importância sob a percepção arquivística e biblioteconômica, libertando sentimentos e emoções rememorativos correspondentes à identidade social.

Para compreender a trajetória das ações culturais desenvolvidas pela BC/UFPB, faz-se necessário revisitar o cenário teórico acerca da memória, da informação, dos arquivos, das bibliotecas, para alicerçar cientificamente as reflexões, bem como ressignificar essa trajetória, tomando os documentos como fontes de memória e informação, capaz de revelar as ações desenvolvidas e suas relações internas e externas.

Sobre esta perspectiva Abreu e Chagas (2003) relatam que as fontes informacionais estão distribuídas não apenas em documentos textuais, mas também de várias outras formas, seja elas em relatos orais, fotografias ou em forma de patrimônio material ou imaterial. Partindo dessa pluralidade de fontes informacionais, ressignificam-se essas memórias.

Esse chamamento da memória é descrito por Candau (2012) como "memória forte", onde através dos relatos orais, pode-se estruturar e organizar sentidos, através dos diálogos cruzados, capaz de reconstruir a identidade de uma sociedade.

Candau (2012) ainda salienta que visitas a locais, e contatos direto com o que se configuram como lugares de memória, são "sociotransmissores", que ativam a memória e reavivam lembranças, e Assmann (2011) reitera ao afirmar: "[...] a memória de uma nação se materializa na paisagem memorativa de seus locais de recordações".

A metodologia adotada para a construção desta pesquisa se dá em duas fases, caracterizadas, na devida ordem, exploratória, descritiva e qualitativa. É também, caracterizada como bibliográfica e pesquisa de campo, em consonância com as fontes de dados da pesquisa. Quanto ao método, recorre à pesquisa documental, relatos orais, metodologias relevantes para se reunir os conhecimentos produzidos.

Para efetivar os objetivos propostos pela pesquisa, a mesma foi iniciada através de um apanhado bibliográfico, pautado na busca de subsídios teóricos para assimilar e interpretar conceitos de memória, centro cultural, ações culturais, memória institucional, entre outros.

De acordo com Gil (2002, p. 44), "a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Sendo assim, a construção de diálogos do texto será erguida com base na literatura existente, considerando a correlação entre memória e informação, com o foco em ações culturais.

Concomitantemente com a pesquisa bibliográfica se faz necessário uma pesquisa de campo, segundo José Filho (2006, p. 64) "o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos". Ou seja, objetiva colher informações acerca de um problema, confrontando diferentes diálogos, no intuito de direcionar para objetivo central da pesquisa.

O pesquisador ao planejar uma pesquisa utiliza-se de um ou mais métodos apropriados para a abordagem científica. Para esta pesquisa, a abordagem utilizada é a qualitativa, que de acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 17), "a pesquisa

qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo", ou seja, observar e coletar informações em várias fontes empíricas, entre elas, pode-se destacar as experiências pessoais, entrevistas, textos e produções culturais, entre outros; possibilitando, assim, a descrição de momentos e significados na vida dos indivíduos.

A proposta deste estudo é reconstruir fragmentos da história das ações culturais promovidas pela Biblioteca Central da UFPB, em um recorte temporal de 1981 a 2004, ou seja, desde o início de suas atividades no prédio sede até a gestão da bibliotecária Babyne Neiva; evocando assim, as ações culturais que foram desenvolvidas, através de relatos de servidores, narrativas orais que emergem de suas memórias. Neste sentido, optou-se pela entrevista semiestruturada, utilizando-se da metodologia da História Oral.

Quanto ao método, considerou-se recorrer à história oral para poder compreender sobre o contexto em que está inserida a trajetória das ações culturais na Biblioteca Central da UFPB; com Thompson (1992) apreende-se que a abordagem da História, a partir de evidências orais, permite ressaltar elementos que, de outro modo, por outras estratégias investigativas, seriam inacessíveis. De acordo com Cellard (2008), as fontes primárias são um mundo complexo de informações disponíveis, que servirão de alicerce para a compreensão do passado e assim fazer uma releitura no presente.

4 AS AÇÕES CULTURAIS DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB: evocando as memórias, compreendendo suas ações

As memórias referentes às ações culturais na Biblioteca Central da UFPB, neste artigo, são evocadas a partir de relatos orais das memórias de Mônica Paiva e Babyne Neiva de Gouveia Ribeiro, servidoras e bibliotecárias que vivenciaram e vivem no âmbito da Biblioteca Central, além de documentos que comprovam as ações que foram desenvolvidas no âmbito da Biblioteca.

Antes de iniciar os relatos orais, se faz necessário apresentar os sujeitos dessas narrativas, para que assim, seja possível entender o porquê dessas servidoras serem as narradoras dessas memórias.

Babyne Neiva de Gouveia Ribeiro, Bibliotecária, atualmente aposentada, foi a sexta diretora da Biblioteca Central, sendo responsável por três gestões seguidas. Por intermédio de Mônica Paiva, Bibliotecária e servidora da Biblioteca, Babyne evocou suas memórias e relatou o desenvolvimento das seguintes ações pela Biblioteca Central:

A história da programação cultural da BC é um pouco longa, mas tentarei abreviar. No ano de 1979 (eu trabalhava na Seção de Referência e Edna Torreão era a diretora da DSU) demos início à programação cultural da BC, que à época funcionava no prédio da atual Reitoria. Iniciamos com uma exposição sobre o Presidente João Pessoa, e realmente foi um grande evento. Providenciamos a confecção de painéis de madeira, junto à marcenaria da Universidade. Em seguida, eu e Edna Torreão, pintamos de branco os respectivos painéis, nos finais de semana. Bom, paralelamente, entrei em contato com alguns intelectuais para tecerem opiniões sobre o homenageado e editamos os catálogos da exposição em conjunto com a Editora

Universitária. Depois fizemos a exposição dos 100 anos de Einstein, seguindo o modelo da anterior. É importante colocar que envolvíamos os professores da UFPB assim como os intelectuais da cidade, como também de fora de João Pessoa, que foi o caso do escritor/jornalista Samuel Duarte, que residia no Rio de Janeiro. E assim se seguiram outras exposições, sempre envolvendo um bom público. Em 1981, quando nos mudamos para o edifício atual da BC, já então com uma sala destinada a exposições de audiovisuais, na Seção de Multimeios, e nela eu estava lotada, começamos a exibir filmes às 12h nas quintas-feiras, horário que os estudantes dispunham, após o almoço no RU. Os filmes, ora eram os disponíveis no acervo do NUDOC, ora os que eu trazia de Recife, particularmente dos Consulados da França e da Alemanha (filmes de 16mm), que eram bem armazenados em depósito de metal. Eram trazidos por mim, que me deslocava de ônibus para aquela cidade. Promovemos as Semanas do Cinema Alemão, do Cinema Francês... Anos depois surgiram os VHS, e assim em acordo com as locadoras da cidade - que nos cederam gratuitamente o material e em contrapartida fazíamos uma certa propaganda da respectiva locadora -, exibíamos o filme da semana com sala cheia. Nos outros dias da semana, quando não eram exibidos os filmes, proporcionamos aos estudantes audição de músicas constantes nos discos long-play, que formavam a nossa coleção de vinis.

Pode-se observar que a narradora iniciou sua fala um período antes do recorte temporal desta pesquisa, no entanto, como uma ação está atrelada as outras, optou-se por transcrever na íntegra as memórias que foram evocadas com tanto apreço e emoção. Nesse primeiro momento Babyne relata as ações, ela enquanto bibliotecária responsável pelas ações culturais da Biblioteca Central, visto que nesse período ela ainda não estava na condição de diretora da Biblioteca, sua gestão se deu início a partir do ano de 1996 até 2004.

Pode-se destacar a partir dessa primeira fala, as ações culturais que ganharam destaques neste primeiro momento: exposição; parcerias com intelectuais que deram origem ao catálogo logo após a exposição; exibição de filmes, em parceria com o Núcleo de Documentação Cinematográfica da UFPB (NUDOC), e com locadoras de vídeos locais; assim como audições de músicas a partir do acervo de discos long-play da Biblioteca. Babyne também destaca a grande participação dos estudantes nessas ações.

Passa-se agora a tecer as memórias de Mônica Paiva, Bibliotecária em exercício, foi a responsável pelas ações culturais da Biblioteca central no período em que Babyne era gestora, suas atividades iniciam no ano de 1995.

Após passar no concurso, ficou alocada na biblioteca do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HU), inicia ali sua intensa relação com ações culturais, já com exposição fotográfica e outros projetos durante dois anos, que não foram mais adiante por falta de recursos para a biblioteca do HU; em suas palavras "*lá não havia mais espaço para mim*", como já tinha uma relação com Babyne, a mesma lhe convidou para vir trabalhar na Biblioteca Central, que de pronto ela aceitou, isso no ano de 1998.

Ao chegar à Biblioteca Central, seu setor de trabalho seria o de Multimeios, no entanto houve mudanças e ela foi para o Processamento Técnico, "*não era bem o que eu queria, eu gosto de estar em contato com o público [...], o setor de processamento*

era um trabalho monótono pra mim, mas com um tempo surgiu a oportunidade de eu ir para a programação cultural", neste momento da entrevista é perceptível um brilho no olhar, a emoção de falar daquele trabalho realizado, emoção essa que veio com a seguinte frase *"aí foi trabalhar na programação cultural, aí fantástico, pois lá já tinha um jornalista, Costa Filho e o Patrício [...]".* Nesse instante, ela começa a narrar as ações propriamente ditas:

[...] o quê que a gente desenvolvia lá? demos continuidade a algumas práticas que já existiam, o cinema na biblioteca, que era a atividade mais forte lá, era nas quartas-feiras, sempre no horário do almoço, mas aí dinamizamos muito dentro da biblioteca, com exposições de todo tipo que você imaginar (artes plásticas, cerâmicas, pintura, desenhos), promovíamos também semanas culturais [...], ações que tomaram proporções ao ponto de artistas locais irem procurar a biblioteca para que pudessem fazer suas exposições lá. Havia muitas parcerias com os centros, com a Reitoria, com a editora da UFPB. Levamos teatro para apresentação de esquetes no *hall* da Biblioteca, levamos música voz e violão, sempre valorizando os artistas locais, dança do ventre entre outras.

Seguindo o roteiro de perguntas pré-estabelecidas, indagou-se se havia uma ação em específico que marcou, nesse instante Mônica pega uma pasta contendo os cartazes "improvisados" que ela mesma elaborava para as ações da Biblioteca, aqui ela deixa escapar que *"nossa, quando peguei esse arquivo para vir conversar com vocês confesso que chorei, ao lembrar desse tempo"*. Então ela mostra um cartaz e relata:

bem, na época que eu organizei, para mim foi o centenário de Gilberto Freire, isso pra mim foi emocionante, foi uma coisa que eu mergulhei de cabeça, [...] a pedido de Babyne fui em busca de tudo que existia no acervo sobre Gilberto Freire, e fui investigar, curiosa como sou, descobri que ele desenhava, que fazia poesia, e seus livros maravilhosos, [...] com o apoio de Babyne comprei tudo que foi necessário para realizar a exposição, selecionei tudo o que precisava e montei, no período da exposição tivemos a visita de Edson Nery da Fonseca, amigo particular de Gilberto Freire, que ao final da visita, bateu no meu ombro e disse: *"minha filha você pode ter certeza que onde meu amigo estiver ele está muito feliz e agradecido por esta exposição, porque você conseguiu recuperar a obra dele e tudo que ele fez"*.

Em seguida, foi perguntado se os usuários procuravam por alguma ação que já havia sido executada, e que gostariam que refizessem. Mônica então destaca a do cinema na biblioteca, com isso ela cria uma parceria com os cineastas da própria Universidade para seções de documentários paraibanos. Ela também queria saber os interesses dos usuários, que deixavam suas sugestões na caixinha, do que gostariam de ver, então foi retomada a parceria com uma locadora do bairro dos Bancários, onde a contrapartida da parceria seria a divulgação da locadora nos materiais impressos.

Na medida em que as memórias dos sujeitos em questão vão sendo tecidas, é possível perceber o entrelaçamento das ações, através do compartilhamento de

experiências, práticas, esquecimentos e o mais importante: as conquistas e aprendizagens que adquiriram ao longo do tempo. Essas memórias foram exteriorizadas em narrativas, formaram cenários de marcas de identidades construídas pelas ações culturais desenvolvidas na Biblioteca Central.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas públicas, especialmente as universitárias, enquanto espaços de informação têm acompanhado a evolução do aumento significativo do número e da variedade de documentos produzidos no século XX, abrindo espaços para novas possibilidades de conhecer, estabelecendo novas formas de organização, permitindo ao público o acesso livre à informação.

Fica evidente que não é possível pensar a biblioteca hoje sem que se considere a liberdade de acesso à informação como um direito humano para o exercício do pensamento criador. É preciso entender que há um círculo perpétuo, ou seja, a informação produzida é organizada e colocada à disposição de um determinado público que acessa os dados, combinando-os, faz análise e crítica, gerando um novo produto informativo que, por sua vez, deve ser integrado em um serviço que permita o acesso do público. Nesse sentido, o esforço deverá ser incrementado na biblioteca, transformando-a efetivamente em um centro onde não apenas se tem o acesso à produção cultural da humanidade, mas onde também se produz cultura.

A partir do momento que a biblioteca assume a função de casa da cultura, que disponibiliza uma infraestrutura que permite a realização de uma série de atividades no campo das expressões artísticas e culturais, torna-se claro que ela deixa de ser apenas lugar de memória, preservação e acesso, passa a ser também o lugar do fazer. Quando a biblioteca passa a ser espaço também do fazer criativo, há uma transformação radical, uma vez que a biblioteca sempre se caracterizou como sendo uma instituição que organiza a informação, colocando-a a disposição do público.

Portanto, trata-se de um esforço de crescimento coletivo, pois é a ação que leva a repensar a informação. Milanesi já afirmava que a biblioteca só atinge plenamente a sua função quando, além de propiciar a leitura, garante a seu público o ato de dizer e escrever.

UFPB CENTRAL LIBRARY: memory and cultural practice center

Abstract

Thinking in public library nowadays is to think of a universe of multiple spaces, information access, that goes beyond the storage. For it is not possible to dissociate the public library, especially the university library as a space of memory and also as a cultural equipment. In this sense, university public libraries should not only be presented as a space for the academic community, but serve as well to the community around them, interacting with local events, where people should feel invited to come and participate; stimulated to express what they perceive and feel, actively participating as creators who appropriate the space. The Central Library of the Federal University of Paraíba, object of this study, is a constantly growing organism, its actions are part of a memory that characterizes the institution, recorded in documents that go back its trajectory as well as permeate the individual and collective memory of thousands of people who have been through it over the past few decades.

This paper aims to present, discuss and reflect theoretically on the historical course of cultural practices of the Central Library (BC) of the Federal University of Paraíba (UFPB) as a university public library viewed from the perspective of cultural equipment beyond the basic premise of support to University Teaching, Research and Extension. The purpose of this study is to reconstruct fragments of the history of cultural actions promoted by the Central Library of UFPB, in a time frame from 1981 to 2019, thus evoking the cultural actions that were developed, through reports of servers, oral narratives that emerge from their memoirs. The methodology adopted for the construction of this research will take place in two phases, characterized, in due order, exploratory, descriptive and qualitative. It is also characterized as bibliographic and field research, in line with the research data sources. As for the method, we will use the documentary research, oral reports, with relevant methodologies to gather the knowledge produced. To achieve the objectives proposed by the research, it will be initiated through a bibliographic overview, based on the search for theoretical subsidies to assimilate and interpret concepts of memory, cultural actions, institutional memory, among others. In this research we realize that it is not possible to think of the library today without considering the freedom of access to information as a human right for the exercise of creative thinking. It must be understood that there is a perpetual circle, that is, the information produced is organized and made available to a specific audience that accesses the data, combines it, analyzes and criticizes it, generating a new information product that, in turn, it must be integrated into a service that allows public access.

Keywords: UFPB Central Library. Memory. Cultural practices.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, A. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.
- BATTLES, M. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BRAGA, M. F. A. A biblioteca pública como um lugar de signos. **Infociência**, São Luís, v. 4, p. 21-34, 2004. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000004283>. Acesso em: 26 jul. 2019.
- CAIN, J. La civilisation écrite. In: **Encyclopédie Française**, v. 18. Paris: Larousse, 1939.
- CAMPOS, S. A. **As bibliotecas públicas são centros culturais ou os centros culturais são o milagre do século?** 1995. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Centro de Ciências Humanas, UNI-RIO, 1995.
- CANAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARDOSO, A. M.; NOGUEIRA, M. C. D. Projeto de implementação do Centro de Cultura de Belo Horizonte. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2. p. 203-216, jul./dez. 1994.

CELLARD, A. A análise documental. *In*: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

CENNI, R. **Três centros culturais da cidade de São Paulo**. 1991. 334 f. Dissertação (Mestrado, Escola de Comunicações e Artes) – Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 1991.

CHAGAS, M. Memória política e política de memória. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COELHO NETO, J. T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COSTA FILHO. **Biblioteca Central**: histórico. João Pessoa: UFPB, 2019. Disponível em: http://www.biblioteca.ufpb.br/biblioteca/contents/menu/biblioteca-1/copy_of_institucional. Acesso em: 25 jul. 2019.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JACOB, C. Prefácio. *In*: BARATIN, Marc.; JACOB, C. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no ocidente. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

JOSÉ FILHO, M. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania**. Franca: Unesp, 2002.

MARTINS, W. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 2002.

MILANESI, L. **A casa da invenção**. São Caetano do Sul: Ateliê, 1997.

MORESI, E. (Org.). **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Católica de Brasília, 2003. (Apostila - Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação).

NASCIMENTO, F. M. **Ação e informação em centros culturais**: um estudo sobre o instituto Tomie Ohtake. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – PUC Campinas, Campinas, 2004.

NORA, P. Entre a memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 05 jul. 2019.

NUÑES, E. M. Espaços de leitura: projetos, conteúdos e animação cultural. *In*: RÖSING, T. M. K.; BECKER, Paulo. (Orgs). **Leitura e animação cultural**: repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: UPF, 2002.

